

Editorial

Lindamir Salete Casagrande

E-mail: lindasc2002@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Nanci Stancki da Luz

E-mail: nancist@terra.com.br
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

O número 43 dos Cadernos de Gênero e Tecnologia inicia mais um ano desta publicação que está, cada vez mais, assegurando e consolidando seu papel como um veículo de socialização do conhecimento. Sua continuidade e crescimento se deve ao apoio de todas as pessoas, em sua multiplicidade de gênero, orientação sexual, raça/etnia, crenças religiosas, geração que nos ajudam a fazer desta revista um veículo tão importante para apresentar estudos que estão sendo realizados país a fora.

Iniciar o ano 2021 significa que convivemos e sobrevivemos a um ano de pandemia do coronavírus. Neste ano muita coisa aconteceu. Perdemos muitas pessoas queridas e, as vezes, a esperança e a crença nos seres humanos. A ciência (e os/as cientistas), instituição tão desprezada e atacada nos idos recentes, passou a ser a tábua de salvação para sairmos deste momento sombrio o mais breve possível. Vacinas pipocam em diversos cantos do mundo e, a cada sucesso nos testes, a esperança se renova. Estamos na iminência da aprovação das primeiras vacinas a serem utilizadas no modo emergencial, fato que é um grande passo para enfrentar esta pandemia

Renovar e manter a esperança é fundamental para enfrentar os obstáculos que se apresentam em nossas trajetórias. Estes obstáculos são mais evidentes no percurso das mulheres, e, neste momento de pandemia, a carga de trabalho e o desgaste emocional que gera estresse físico e emocional recai ainda mais sobre elas. É urgente pensar e apoiar essas mulheres que são fortes e valentes, mas que cansam, sentem dores, fome, medo, ansiedade e angústias. É necessário que toda a sociedade e, de modo especial, a família assuma sua parcela de responsabilidades para aliviar o fardo de está sobre os ombros delas.

Outra instituição que teve sua importância reconhecida por uma sociedade que a desprezou por muito tempo foi a escola (e com ela as/os professoras/es). O distanciamento social tão necessário para enfrentar a pandemia mostrou o quão importante para os/as estudantes e para os familiares é o ensino presencial. Evidenciou que ninguém e nada se aproxima do que as/os professoras/es e a escola proporcionam para as crianças e adolescentes. A escola é mais do que o lugar para aprender a ler, escrever, fazer cálculos, aprender sobre biologia, história, geografia, física, química e matemática. É espaço de fazer amizade, construir afetos e desafetos - até esses fazem falta -, aprender a conviver e a respeitar o outro, crescer como seres humanos. Esse momento difícil e nebuloso pelo qual estamos passando evidenciou o quanto somos seres sociais e precisamos do contato, do abraço, do riso com os/as amigos/as, dos desafios que esses relacionamentos nos proporcionam. Ah, como é bom aglomerar! Ir à praia, ao bar, aos parques, às igrejas e às escolas e universidades. Ai que saudade da escola!

No segundo semestre de 2020, a maioria dos setores da sociedade retomou o ritmo normal - até normal demais -, entretanto, as escolas mantiveram-se, sabiamente, fechadas. As mães trabalhadoras que não perderam seus empregos neste período tiveram que retornar ao trabalho e as crianças e adolescentes permaneceram em casa. Quem cuida delas/es? Muitas vezes esta responsabilidade recai nos ombros (ou no colo) das avós ou das/os filhas/os mais velhas/os, mesmo estas/es ainda sendo crianças. Entretanto muitas famílias não podem contar com avós/avôs por diversos motivos, além do fato de que as pessoas idosas são do famigerado “grupo de risco”. Por que famigerado? Quando se constrói o discurso de que existem grupos de risco para uma doença, as pessoas que não pertencem a ele se acham imunes e não tomam as precauções necessárias. Com isso se expõe ao perigo e, caso contraíam o vírus, podem ter sintomas leves, e até serem assintomáticos e afirmarão “não deu nada! É só uma gripezinha!” entretanto, levam a doença para dentro de seus lares e expõe os/as idosos/as que estavam se cuidando confinados/as em casa. Esses, por ser do grupo de risco, tem maior probabilidade de desenvolver o modo mais severo da doença e vir a óbito.

Infelizmente os governos municipais, estaduais e federal tem negligenciado quanto as medidas de prevenção e contenção ao avanço do contágio pelo coronavírus com a flexibilização do mercado antes do tempo, cedendo aos apelos dos setores da sociedade que prezam pelo lucro em detrimento da vida. Assim, vidas se perdem, famílias perdem seus entes queridos, e, muitas vezes, ficam ainda mais, em estado de vulnerabilidade. Evidentemente deve-se pensar nos empresários, entretanto, não exclusivamente.

Outro fenômeno assolou nosso país em 2020. O clima seco, com poucas chuvas provocou altas temperaturas, baixa umidade do ar, incêndios que destruíram nossa natureza. A floresta amazônica e o pantanal arderam em chamas com a flora e a fauna sendo gravemente feridas e o governo negacionista e criminoso dizendo que não havia queimadas, que estava tudo bem. Tudo bem? Não, não estava tudo bem! Não estava nada bem! Essas queimadas se refletiram na saúde das pessoas que além da pandemia, tiveram que conviver com os efeitos da poluição causada pelas queimadas. É 2020 não foi um ano típico.

As periferias das cidades também tiveram que enfrentar surtos de dengue. Essa doença que nos acompanha ao longo dos anos, é muito grave e atinge de modo mais intenso às mulheres. O mosquito não tem preferência para sugar o sangue de homem, mulher, adulto, criança, idoso, branco ou preto, entretanto, quando alguém da família é acometido pela doença, a carga de cuidados e de sofrimento recai mais fortemente sobre as mulheres. Elas é que tem que faltar ao trabalho para cuidar do/a paciente. As periferias sofrem com a falta de saneamento e as mulheres, por ficarem mais tempo em casa (as que não estão inseridas no mercado de trabalho) estão mais expostas a essas condições insalubres.

E por falar em condições insalubres, o que dizer da violência dentro dos lares que aumentou significativamente neste tempo de pandemia? Mulheres sendo espancadas e mortas por seus maridos ou companheiros fizeram as taxas de feminicídio crescerem sensivelmente. Uma onda de casos de meninas sendo estupradas e engravidando de seus abusadores veio à tona. O caso mais emblemático foi de uma menina de 10 anos que engravidou do tio estuprador e revelou sofrer os abusos desde os 6 anos. Uma criança de 6 anos submetida a uma violência tamanha que teve seu direito ao aborto legal questionado e dificultado

por pessoas que se dizem cristãs e defensoras da vida. De qual vida? A vida da menina não importa? Não é vida?

A pandemia levou a necessidade do distanciamento social e este, por sua vez, fez com que as pessoas ficassem mais tempo em casa e isso afetou de forma mais severa as pessoas LGBTQ+. É sabido que muitas pessoas que pertencem a esta parcela da população enfrentam violência dentro de seus lares, praticada por seus familiares, que, movidos pelo preconceito agridem física, verbal e emocionalmente aos indivíduos que não se encaixam no padrão cisheteronormativo. Para essas pessoas, ficar em casa significa estar expostas à violência e 2020 gerou um ambiente ainda mais hostil para essas pessoas.

É, 2020 não foi um ano fácil, mas chegamos em 2021 e nós sobrevivemos a ele e continuamos cuidando desta revista que nos enche de orgulho. Continuamos recebendo o carinho e o afeto de nossas/os colaboradoras/es a quem somos imensamente gratas. Porém, esta doença que ceifou a vida de muitas pessoas queridas neste ano, levou também uma jovem colaboradora dos CGT.

Na madrugada do dia 10 de julho de 2020, Baga de Bagaceira Souza Campos, aos 28 anos perdeu a luta para a CoVid 19. Ela era *drag performer*, jornalista, e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), lutava pelos direitos LGBTQIA+, era avaliadora dos Cadernos de Gênero e Tecnologia e tem um artigo publicado nesta edição dos CGT. Baga de Bagaceira foi uma colaboradora afetuosa, gentil e sempre disposta a atender nossas solicitações. Mas era mais do que isso. Era filha, irmã, amiga, um ser humano que vivia sua juventude, cheia de sonhos e com um caminho lindo pela frente. Baga de Bagaceira esta edição é dedicada a você que estará sempre em nossos corações.

Diante deste cenário seguimos nossa caminhada e apresentamos a vocês mais um número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia. É a maior edição publicada até o momento. Conta com duas entrevistas com mulheres fantásticas. A primeira com a professora colombiana Brigitte Baptiste, primeira mulher trans reitora de uma universidade da Colômbia que concedeu uma entrevista para Michel Alves Ferreira e Ana Maria Rivera Fellner e a segunda é uma tradução de uma conversa com a renomada pesquisadora Judith Butler. Conta também com 31 contribuições originais divididos da seguinte forma: 8 artigos originais de fluxo contínuo; 21 Artigos originais - temática *Tecnologias do eu, tecnologias de gênero: devires, existências, resistências e diversidade*; 1 ensaio e 1 resenha.

Agradecemos aos pesquisadores e amigos Humberto da Cunha Alves de Souza, Michel Alves Ferreira e Thiago Teixeira por terem feito a proposta da temática especial *Tecnologias do eu, tecnologias de gênero: devires, existências, resistências e diversidade* que compões este número dos CGT. A chamada foi muito bem aceita e recebeu muitos artigos, tantos que nem todos estão sendo aqui publicados neste número. Uma parte destas produções será publicada no próximo número dos CGT que será publicado em breve. Aguardem!

Os temas abordados nestas produções são diversificados e originados em espaços acadêmicos múltiplos. O grande número de pessoas que nos honram com a escolha dos CGT para divulgar seus estudos evidenciam o alcance e a importância desta revista. Renovam as esperanças de que este tempo sombrio vai passar e sairemos mais fortes permanecendo juntas/os e nos apoiado mutuamente.

Desfrutem da leitura desta e das outras edições desta publicação que foi pensada para vocês e construída com vocês!

As editoras!

Recebido: 11/01/2021.

Aprovado: 11/01/2021.

DOI: 10.3895/cgt.v14n43.12743

Como citar:

CASAGRANDE, Lindamir Salete; LUZ, Nanci Stancki da. Editorial. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.14, n. 43, p. 1-4, jan./jun. 2021.

Correspondência:

Lindamir Salete Casagrande

Av. Sete de Setembro, 3165, 80230-901, Curitiba, Paraná, Brasil.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

